

A Lenda do Golem e suas repercussões no pensamento de Viktor Frankl

*Thiago Avellar Aquino**

Resumo

O presente artigo teve por objetivo identificar em que aspecto a lenda judaica do Golem exerceu influências no pensamento de Viktor Frankl. Em alguns dos seus livros, Viktor Frankl fez referência a um ser mítico da cultura judaica: o Golem. Qual o significado desta figura lendária para a construção de sua visão de Homem? O artigo se justifica na medida em que visa compreender a influência da cultura religiosa de um autor em sua obra. Dessa forma, procedeu-se uma breve análise bibliográfica acerca das referências sobre o Golem na obra de Frankl e na religião judaica. As narrativas dessa lenda possivelmente causaram um grande impacto no autor; dessa forma, os principais resultados apontam para uma influência na concepção judaica de homem no estilo de pensamento do autor. Concluiu-se que Frankl foi influenciado mais pela forma judaica de compreender o mundo, o que o ajudou a dar forma ao conteúdo do seu pensamento, conforme se constatou por meio da história do Golem.

Palavras-chave: Judaísmo, Logoterapia, Golem.

The Golem Legend and its repercussions in Viktor Frankl's thought

Abstract

The purpose of this article was to identify in which aspect the Jewish legend of the Golem influenced Viktor Frankl's thought. In some of his books, Viktor Frankl referred to a mythical being in Jewish culture: The Golem. What is the significance of this legendary figure for the construction of his vision of mankind? The article is justified insofar as it aims to understand the influence of an author's religious culture in his work. Thus, a brief bibliographic analysis was carried out on the references to Golem in Frankl's work and in the Jewish religion. The narratives of this legend possibly had a great impact on the author; thus, the main results point to an influence on the Jewish conception of mankind in the author's thinking style. It was concluded that Frankl was influenced more by the Jewish way of understanding the world, which helped him to shape the content of his thought, as found through the history of the Golem.

Keywords: Judaism, Logotherapy, Golem.

* Universidade Federal da Paraíba. logosvitae@hotmail.com .

La Leyenda del Golem y sus repercusiones en el pensamiento de Viktor Frankl

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo identificar en qué aspecto la leyenda judía del Golem influyó en el pensamiento de Viktor Frankl. En algunos de sus libros, Viktor Frankl hace referencia a un ser mítico en la cultura judía: el Golem. ¿Cuál es el significado de esta figura legendaria para la construcción de tu visión del Hombre? El artículo se justifica porque busca comprender la influencia de la cultura religiosa de un autor en su obra. De esta forma, se realizó un breve análisis bibliográfico sobre las referencias sobre el Golem en la obra de Frankl y en la religión judía. Las narraciones de esta leyenda posiblemente tuvieron un gran impacto en el autor; así, los principales resultados apuntan a una influencia de la concepción judía del hombre en el modo de pensar del autor. Se concluyó que Frankl estuvo más influenciado por la forma judía de entender el mundo, lo que le ayudó a moldear el contenido de su pensamiento, visto a través de la historia del Golem.

Palabras clave: Judaísmo, Logoterapia, Golem.

Introdução

O presente manuscrito surgiu de uma inquietação acerca de uma lenda judaica referida por Viktor Frankl em alguns de seus livros. O autor, de fato, nunca aprofundou o misterioso ser oriundo da terra, apenas citou-o *en passant*, o que poderia sugerir um significado latente a ser desvelado por outros estudiosos. De forma geral, o presente manuscrito pretendeu, tão somente, clarificar a pergunta que nasceu: em que medida a estória do Golem poderia ter ajudado o referido autor a pensar acerca da sua pergunta fundante sobre quem é o ser humano?

Em sua autobiografia, Frankl (2010) faz referência a dois personagens que se encontram na sua árvore genealógica e que estão associados diretamente ao Golem: o rabino Loew de Praga (Maharal) e Oskar Wiener. Ambos os personagens se tornam a chave da compreensão do sentido do Golem para o pensamento de Viktor Frankl, conforme será discorrido ao longo do texto. Considerando essas referências acerca dessa figura mítica da cultura judaica, o presente artigo teve por objetivo identificar em que aspecto a lenda judaica do Golem exerceu influências no pensamento de Viktor Frankl.

Para alcançar este escopo, o artigo foi estruturado por meio dos seguintes tópicos: inicialmente aborda a vida do autor em foco, sobretudo a sua origem judaica; em seguida, tece-se alguns comentários sobre a imagem de Homem na teoria da Logoterapia. Em um terceiro momento, apresenta-se

a figura lendária do Golem e, por fim, apontam-se as suas possíveis relações com o pensamento de Frankl.

Quem foi Viktor Frankl?

O autor em tela – nascido em 1905, na cidade de Viena – é considerado uma personalidade notória por ter desenvolvido uma teoria que impactou o campo da psicoterapia, precedida por Freud e Adler. No livro em que dialoga com o rabino Pinchas Lapide, “A busca de Deus e questionamento sobre o sentido”, Viktor Frankl aventou que “se nós olharmos para trás no passado, a gente pode derivar um curso mais ou menos correto para o futuro” (FRANKL, LAPIDE, 2013, p. 149). Seguindo essa orientação, a origem judaica de Frankl se deriva dos ascendentes de sua mãe, dos quais destacam-se dois renomados personagens: Rashi, Salomo ben Isaak, um grande intérprete do Talmude, e o Rabino de Loew, o Maharal de Praga (FRANKL, 2010).

O seu pai teria sido um *zaddik*, um justo, que acreditava na justiça divina. Estudou medicina, mas nunca teve oportunidade para exercer. De fato, Frankl não discorre acerca dos seus ascendentes paternos, posto que todo judeu herda o seu judaísmo da mãe. Entretanto, em suas memórias, relata que, enquanto todos estavam desesperados quando foram encaminhados para estação de trem que tinha como destino o campo de Terezin, seu pai apenas dizia: “Mantenha o ânimo, Deus vai dar um jeito (FRANKL, 2010, p. 22).

Embora fosse um leitor dos Salmos e rezasse em hebraico, Frankl não era um judeu tradicional, pois não participava da comunidade judaica em sua cidade, em Viena. Mas, em 1988, recebeu o segundo Bar Mitzvah em Jerusalém e, quando faleceu, foi enterrado na ala judaica do cemitério de Viena.

Constata-se que Frankl dava muita ênfase à sabedoria, à inspiração e à intuição, o que, possivelmente, foi uma influência da sua cultura religiosa.

Distingue-se na literatura talmúdica dois gêneros: a *Halakhá*, que é o debate ético-legal acerca da observância religiosa, e a *Agadá*, que é constituída pelas lendas, narrativas e aforismos que interpretam o texto bíblico e que comentam as vidas dos sábios (Leone, 2011, p. 26).

De forma geral, *Agadá* refere-se aos ensinamentos judaicos, por meio de parábolas e narrativas que apresentam aspectos éticos, místicos e sapienciais (LEONE, 2011). O mais provável é que Frankl tenha sido

influenciado pelo estilo de *Agadá*, tendo em conta que ele não era um judeu ortodoxo. Segundo Hertz (2011), Frankl teria conhecido a sinagoga de Praga, a *Altneuschul*, e também conhecia todas as histórias e escritos do Maharal.

Tornou-se médico especializado em psiquiatria e neurologia, ademais, recebeu os títulos de doutorado em Medicina e em Filosofia. Sobre a sua prática profissional, comentou:

Como psiquiatra, ou ao menos como psicoterapeuta, posso, a partir das fraquezas (factuais), descobrir intuitivamente as possibilidades (facultativas) para superar essas fraquezas, e para além da desgraça de uma situação ainda posso rastrear as possibilidades de dar um sentido a essa situação e assim transformar o sofrimento aparentemente sem sentido num feito humano real (FRANKL, 2010, p. 57).

Em sua autobiografia, relata que, em 1939, quando estava ministrando um curso sobre saúde mental, enquanto apresentava suas ideias sobre a motivação para o sentido da vida e o sentido incondicional da existência, o auditório estava hipnotizado com o poder de suas palavras:

(...) E percebi claramente que essas pessoas estavam receptíveis às minhas palavras, que eu conseguia tocá-las, que eu tinha dado algo a elas em seu caminho, que elas eram como barro na mão do oleiro. Resumindo, que eu tinha feito uso do “poder de salvar”. E como está escrito no Talmude: aquele que salva uma vida, salva o mundo inteiro (FRANKL, 2010, p. 61).

Quando foi escolhido para responder uma pesquisa do *Who's Who* sobre o sentido da vida, antes de entregar a sua resposta, Frankl perguntou aos pesquisadores o que achavam que ele tinha escrito, e um estudante de Berkeley respondeu: “o senhor escreveu que o sentido de sua vida era ajudar os outros a ver o sentido de suas vidas” (FRANKL, 2010, p. 155). E foi essa a resposta que tinha escrito.

Por sua origem judaica, Viktor Frankl esteve em quatro campos de concentração sob o número 119.104 e, para sobreviver, foi encaminhado para os campos de trabalho. Na ocasião da morte do seu pai, em Terezin, aprendeu a oração do Kadish, que deve ser recitada pelo filho para o seu pai falecido, segundo a tradição judaica. Quando chegou em Auschwitz com sua esposa Tilly, foram separados abruptamente. Nesse momento, Frankl disse à sua esposa que sobrevivesse a todo custo, pois a sua vida era superior a

tudo, inclusive à fidelidade conjugal. Essa postura estaria em conformidade ao pensamento judaico, “como há muitos mandamentos, é natural que em certas circunstâncias eles entrem em conflito. Quando isso acontece, a vida humana está acima de tudo” (GAARDER, HELERN, NOTAKER, 2000, p. 112).

Supõe-se que essa postura tenha influenciado o jovem Frankl (1992) a pensar nos valores como uma demanda hierárquica que muda em função das circunstâncias, e que os valores, como universais de sentidos, podem conflitar com os sentidos únicos latentes nas situações.

O pensador do sentido da vida relatou que a sua experiência mais profunda no campo de concentração decorreu com a perda do manuscrito do seu livro *Ärztliche Seelsorge*, quando ingressou em Auschwitz. Sabendo que tinha poucas chances de sobreviver e que não iria deixar nem sua obra científica nem um filho carnal, debatia interiormente se a sua vida padeceria sem sentido, já que nada e ninguém sobreviveria após a sua morte iminente (FRANKL, 2008). Mas percebe um significado quando vivencia a seguinte experiência:

Foi quando tive que entregar a minha roupa e, em troca, herdei os trapos surrados de um recluso que fora mandado para a câmara de gás, logo depois de sua chegada à estação ferroviária de Auschwitz. Em lugar do grande número de páginas do meu manuscrito, encontrei no bolso da capa recém-adquirida uma única página, arrancada de um livro de orações hebraico, contendo a principal oração judaica, o Shemá Yisrael. Como interpretar semelhante “coincidência” senão como desafio no sentido de viver meus pensamentos, em vez de simplesmente coloca-lo no papel? (FRANKL, 2008, p. 139).

Após a sua libertação, por suas habilidades intelectuais e humanas, consolidou sua teoria psicoterápica denominada de Logoterapia e Análise Existencial – a qual tinha iniciado antes de vivenciar os campos de concentração nazistas – que se firmou como uma opção analítica para clarificar a questão do sentido na vida, o que será melhor explicitado no tópico a seguir.

A imagem de homem da logoterapia e análise existencial

Viktor Frankl inaugurou um sistema de pensamento amplo, constituído por uma filosofia antropológica e uma escola psicoterápica fincada na filosofia da existência. Sua tarefa foi “a elucidação do território fronteiriço que se estende entre a psicoterapia e a filosofia, considerando especialmente a problemática do sentido e dos valores na psicoterapia” (FRANKL, 2010, p. 67).

Para tanto, delineou uma *imago hominis* que abarcasse a sua totalidade ontológica e, portanto, mais condizente com a condição humana (FRANKL, 1989). Na medida em que se aprofunda a visão de homem, o autor aponta para a tri-idade noo-psico-somática como a característica fundamental da humanidade do ser. Entretanto, ele adverte que, por um lado, ao conceber o homem como um ser psicofísico, incorreria no reducionismo e, por conseguinte, no niilismo. Por outro lado, afirmar que o espiritual seria a única dimensão ontológica, cairia no espiritualismo (FRANKL, 1995). Por esta razão, “o homem é um animal, mas ao mesmo tempo é infinitamente muito mais do que um animal. Ele se eleva para o interior da dimensão humana” (FRANKL, LAPIDE, 2013, p. 84).

Quando o ser humano é reduzido a nada mais que um mero processo psíquico, biológico e sociológico, torna-se apenas um brinquedo de determinantes internos ou externos. Conforme alerta Frankl:

O *homunculus* moderno não é produzido nos porões e nos alambiques dos alquimistas, mas sim onde apresentamos o homem como autômato de reflexos ou um conjunto de impulsos, como marionete de reações e de instintos, como produto de impulsos, hereditariedade e meio ambiente (FRANKL, 1995, p. 63).

O homúnculo na alquimia de Paracelso (1493-1541) era um pequeno ser artificial constituído a partir de urina, sangue e esperma humano em uma retorta (instrumento essencial para os alquimistas) hermeticamente fechada (SCHOLEM, 1978). Ademais, Scholem (1978) encontra vestígios históricos que sugerem que já na primeira metade do século XIII, a cultura judaica já fazia referência à criação de um homúnculo em vasilhame. Frankl (2020) retoma essa lenda para identificar um *homunculismo* no contexto da ciência moderna, que seria expresso por meio da caricatura da imagem de Homem, o que levaria inevitavelmente ao niilismo. Por esse motivo, o autor em baila apresenta sua grande preocupação acerca da ideia do que é um ser humano.

O ser humano, diferente dos animais, possui duas características antropológicas: autotranscendência e autodistanciamento. Enquanto a primeira significa que a pessoa espiritual é radicalmente aberta para o mundo na sua apreensão dos valores, a segunda ratifica que o ser é um ente que se confronta consigo mesmo, com o seu psicofísico, e para tanto, necessita de um distanciamento adequado. Como exemplos da primeira característica, encontram-se a consciência e o amor, enquanto na segunda, estão o heroísmo e o humor (FRANKL, 2011).

Em contraposição à compreensão derivada do homuncalismo, o ser humano é sempre um ser que decide, posto que, frente aos determinantes do psicofísico, emerge o ser espiritual. Compreende-se que é nessa dimensão que se encontra sua abertura para o mundo. Ao se abrir para o mundo, encontram-se valores e sentido no espaço da liberdade. Na dimensão espiritual, encontra-se o germe da liberdade da vontade, germe depositado no coração humano não apenas como anseio, mas como posturas e ações perante os condicionantes da existência humana. Por esse motivo, Frankl (2008) define o Homem como um ser que constitui a sua própria essência na existência; para isso, torna-se necessário ser consciente e ser responsável. Entretanto:

Depois da expulsão do homem – na condição autêntica de ser humano – do Paraíso, a segurança e a certeza proporcionadas pelo instinto e próprias dos animais se extinguiram. E a essa perda se juntou outra, a da tradição. O homem se viu diminuto não só no terreno vital, como também no social (FRANKL, 1978, p. 30).

Por esse motivo, explica o autor, o ser humano temeria decidir e assumir a responsabilidade por suas escolhas. De tal modo, ou ele faz o que os outros fazem, ou o que os outros querem, porque não sabe mais o que deve fazer (FRANKL, 1978). Nas palavras de Jaspers (1993):

Consciente de sua liberdade, o homem sente ser ele próprio. Não obstante, pode falhar na tarefa de fazer-se ele mesmo e, então, não sabe o que verdadeiramente quer, sucumbe ao arbítrio e a perplexidade. Perdido nessa ausência de si mesmo, torna-se consciente de que pode recuperar-se pela via da liberdade (pp. 110-111).

Apesar dos condicionamentos, o ser humano pode vir a ser incondicionado em sua autonomia espiritual. Para ilustrar a relação entre o espiritual (facultativo) e o psicofísico (facticidade), o autor apresenta a metáfora da relação entre o piano e o pianista, enquanto o primeiro pode quebrar ou desafinar, o segundo ainda permanece intacto. Conclui assim que um virtuoso pode ainda tocar um instrumento que esteja defeituoso (FRANKL, 1978).

Constata-se que, assim como os rabinos utilizavam o *mashal* (comparação, parábola) para transmitir os ensinamentos dos sábios, de forma similar, Viktor Frankl também utilizava desse gênero literário para

ensinar as suas intuições sobre a imagem de homem. Por exemplo, o olho e o telescópio seriam comparados à autotranscendência do espírito humano, já que estão direcionados para além de si mesmo; o bumerangue sempre volta para o caçador, da mesma forma que o ser humano volta-se para si mesmo quanto erra o alvo ou o sentido. Para ensinar que o sentido seria o “guia do ser”, relembra que o povo de Israel, quando caminhava no deserto, era guiado por uma nuvem (FRANKL, 1989).

Assim também pode se compreender que a lenda do Golem poderia ser também um *masbal* à guisa de abrir mais uma porta para o entendimento de sua teoria. Mas antes de adentrar no tema central do artigo, torna-se necessário refletir acerca da origem do Golem na cultura judaica, o que será discorrido a seguir.

O Golem na perspectiva da cultura judaica

A criação de um ser artificial pode ser encontrada tanto na alquimia (homúnculo) quanto na cabala (Golem). A origem do Golem remonta ao manuscrito apócrifo de João, quando relata um mito sobre a criação de Adão oriundo da biblioteca de uma comunidade gnóstica no alto Egito, que viveu no século IV da era cristã (TILL, 1952). Pode-se constatar que o Golem judaico rememora o mito cosmogônico do Deus criador (LOPES, 2020), pois tem sua origem do barro e, para criá-lo, torna-se necessário, inicialmente, modelá-lo; já para dar vida, há um rito específico, como andar ou dançar ao seu redor e pronunciar algumas letras, bem como pronunciar o nome oculto de Deus, conforme descreve o Livro da Criação: Sefer Yezirah. Ademais, é necessário colocar o nome de Deus escrito em um papel na língua da criatura de barro. Em última análise, o Golem seria “um ser artificial, sem alma, uma criatura de barro limitada aos problemas terrestres e excluída da inspiração divina” (WIESEL, 1986, p. 45).

A expressão “Rava criou um homem” (*Rava bara gabara*), que está relacionada à criação de um homem sem alma, teria originado a palavra mágica *Abracadabra* (CAMPANI, 2011). Outros autores já consideram que:

Em muitas das histórias do Golem, ele recebia, para ser animado, a inscrição da palavra “verdade” (*emet*) na sua frente, uma espécie de assinatura divina, e era destruído ao se apagar a letra *alef* inicial, o que transformava o termo em “morte”, ou em “ele está morto” (*met*) (SELIGMANN-SILVA, 2007, p.186).

Outras narrativas sobre esse ser misterioso descrevem que na frente do Golem deveria estar escrito: “*JHWH elohim emeth*, o que significa: “Deus é verdade”. Indubitavelmente, o Golem está relacionado com o mito de criação, tendo em vista que seria uma metáfora da *imitatio dei*. Assim, por meio da criação desse ser amorfo, o ser humano se torna criador, poeta e artista (SELIGMANN-SILVA, 2007).

Essa lenda permeia o imaginário da cultura judaica, sobretudo na figura do Rabino Judah Loew ben Bezalel (1513-1609), o Maharal de Praga. Na obra de Wiesel (1986), descreve a criação do Golem como se segue:

Respira, disse o Maharal, inclinando-se sobre o ser estendido no chão. E o homem de barro começou a respirar. Abre os olhos, disse o Maharal. E o homem de barro abriu os olhos. Senta, disse o Maharal. E o homem de barro lenta e pesadamente sentou-se. Levanta, disse o Maharal. E o homem de barro, estremecendo, levantou-se. Dou-te o nome de Yoseph, disse o Maharal. Tua missão na terra será a de proteger o povo de Israel contra seus inimigos (p. 53).

Segundo Maghidman (2010) a compreensão judaica da alma divide-se em *Nefeh*, como força da vida compartilhada com os animais, *Ruach* (alma divina), *Neshama* (alma superior), *Chayáh* (essência vivente) e *Yechidáh* (essência única). O Golem, por sua vez, pode ser compreendido como uma substância informe, ainda incompleto. Nessa acepção, Adão poderia ter sido o primeiro Golem, pois, a princípio, não lhe fora infundido um espírito (*ruach*), ou seja, “(...) um espírito terrestre, uma potência vital a habitar dentro dele” (SHOLEM, 1978, p. 196). Ademais, a palavra Golem aparece em um Salmo, 139,16: “os teus olhos viam o meu embrião” (Bíblia de Jerusalém, 1984, p. 676).

Na cultura judaica, essa figura lendária estaria relacionada à criação de Adão, considerando que “para os sábios do Talmude, a palavra ’ādām está relacionada à terra (אדמה), sangue (דם) e amargura (מר). As iniciais dessas três palavras formam a palavra ’ādām (אדם)” (HUBNER, 2016, p. 8). Entretanto, o Golem é mudo e sua única finalidade seria a de proteger a vida da comunidade judaica.

Wiesel (1986) descreve que há um padrão na narrativa acerca do Golem:

(...) todas as histórias do Golem terminam bem. Começam frequentemente do mesmo modo: um judeu injustamente acusado de crimes imaginários.

Terminam da mesma forma: o Golem intervém para pôr as coisas em seus devidos lugares (p. 65).

Considerando esse ser misterioso que permeia ainda hoje o imaginário judaico, supõe-se que possa ter influenciado na forma de pensar de Viktor Frankl. Assim, o tópico a seguir trata da relação entre o pensador em questão e essa lenda enigmática.

Viktor Frankl e a Lenda do Golem

No seu livro autobiográfico, Viktor Frankl apontou duas referências sobre o Golem: o romance de Meyrink e o famoso rabino de Praga: o Maharal. Sobre este último, comentou:

Eu sou descendente do Maharal de Praga, o lendário rabino que se tornou famoso pelo romance *O Golem* e pelos filmes inspirados nesse livro. O rabino era um amigo íntimo do imperador da Áustria naqueles tempos, e o Golem foi uma espécie de robô criado pelo Maharal usando argila (FRANKL, 2011, p. 195).

A obra *Der Golem*, de Gustav Meyrink, foi publicada pela primeira vez em 1915. Frankl deve ter lido esse romance em sua adolescência ou em sua juventude, já que, quando idoso, em seu livro de memórias, relatou que essa obra imortalizou Oscar Wiener, tio de sua mãe Elsa (FRANKL, 2010). Provavelmente, referia-se ao seguinte poema sobre aquele ser de pedra que se encontra nessa obra:

Onde está o coração de pedra vermelha?
Está preso a uma fita de seda.
Tu! Não ofereças esse coração,
Fui-lhe fiel, amei-o,
Sete anos servi por ele,
Por esse coração, e amei-o (MEYRINK, 1989, p. 265).

A literatura judaica pode ter servido para Frankl como andaimes para a construção do seu pensamento. Por exemplo, o Golem, “no folclore judaico, é uma figura artificial e dotada de vida construída para representar um ser humano” (WIESEL, 1986, p. 102). Em outras palavras, seria um ser artificial com traços humanoides (SELIGMANN-SILVA, 2007). Partindo dessa ideia, Frankl (1989) critica as teorias que apresentam uma imagem de homem que

não representa de fato um ser humano, reduzindo-o a um mero autômato. Nessa direção, afirmou o autor do sentido:

É frequente em diversas circunstâncias o homem fazer de si mesmo uma coisa. Ele gosta, por exemplo, de obedecer cegamente e já de há muito vem demonstrando tendência a se sentir parte de uma máquina; agora começa a se converter num autômato executor de ordem (FRANKL, 1978, p. 203).

Por conseguinte, na medida em que o ser humano abre mão da sua liberdade e da sua responsabilidade, ele se torna um Golem. Nesse prisma, Frankl (1989) faz a seguinte observação: “as teorias atuais sobre a motivação humana veem o homem como um ser que ou reage a estímulos, ou obedece aos próprios impulsos” (p. 23). De forma similar, conforme explica Wiesel (1986) “o Maharal é aquele que compreende e o Golem é aquele que age” (p. 65). O ser humano, no entanto, determina-se a si mesmo, posto que ele possui a capacidade de se colocar acima das condições internas e externas (FRANKL, 2008). Entretanto, quando acometido pelo vazio existencial, o ser humano deixa de ser um ser que decide, e age a partir daquilo que outros fazem ou do que lhe impõem (FRANKL, 1989).

Por outra perspectiva, o ser humano deveria ser guiado por sua consciência (*Gewissen*). A voz da consciência, segundo Frankl, não seria imanente, mas transcendente ao sujeito, na percepção do homem religioso. Dessa forma, acrescenta um pensador ou um conrastro que lhe atribui uma tarefa (FRANKL, 1992, 2008). Assim, a relação entre o Maharal e o Golem poderia ser muito bem interpretada como um arquétipo da relação entre o criador e a criatura.

Para ilustrar essa visão, Frankl relata a seguinte história bíblica:

No primeiro Livro de Samuel (3.2-9), descreve-se como Samuel, quando rapaz, uma noite dormiu no templo junto com o sumo sacerdote Eli. De repente, uma voz o acorda, chamando-o pelo nome. Ele se levanta e se dirige a Eli para perguntar-lhe o que dele desejava; porém, o sumo sacerdote não o havia chamado e manda-o deitar-se de novo. O mesmo se repete uma segunda vez, mas, somente na terceira vez, o sumo sacerdote aconselha ao rapaz que, da próxima vez que for chamado pelo nome, se levante e diga: “Fala, Senhor, pois teu servo escuta!” (FRANKL, 1992, p.42).

Não obstante, o autor em tela compreende a dificuldade do homem comum em reconhecer se essa voz é imanente ou transcendente. Mas

compreende que há uma voz que ecoa das profundezas do inconsciente humano (FRANKL, 1992). Dessa forma, há sempre uma possibilidade de o homem reconhecer a voz do seu próprio criador, assim como o Golem também deve seguir as instruções de quem o criou, afinal, apenas o Rabi Loew tinha direito de lhe dar ordens, conforme relata Wiesel (1986).

Ademais, no romance de Meyrink (1989), encontram-se algumas narrativas que podem ter influenciado na forma de pensar de Viktor Frankl:

A vida são perguntas tornadas formas, que transportam em si o germe da resposta – respostas cheias de novas perguntas. (...) perguntas que se exprimem de formas diferentes de cada vez que formula, e respostas que todos compreendem de formas distintas (p. 118).

Mais adiante, encontra-se a seguinte passagem:

Pensa que os textos judaicos são escritos com consonantes apenas por mero capricho? Não. Cada um terá que encontrar, pelos seus próprios meios, as vogais ocultas que lhe revelarão o sentido que, desde a eternidade, para si próprio determinou (p. 118).

Frankl (1978), por sua vez, considera que “o sentido não pode ser dado, deve ser encontrado” (p. 19). Necessita ser achado nas situações assim como as vogais, ocultas dos textos judaicos, precisam ser decifradas. Nessa tarefa, cada pessoa é questionada pela própria vida e, ao respondê-la, torna-se um ser responsável.

Para o autor em tela, a vida seria um enigma a ser decifrado em cada uma das situações (FRANKL, 2008), por conseguinte, “(...) o homem deve estar apto a aprender os Dez Mil Mandamentos que estão inscritos em códigos nas dez mil situações que ele enfrenta” (FRANKL, 1978, p. 20). Destarte, por um lado, a existência é constituída de perguntas singulares, por outro, o ser humano deveria responder às questões que a vida lhe coloca (Frankl, 1989).

Outrossim, Frankl (2008) considera que o *Logos* está oculto e necessita ser desvelado por meio de um processo analítico e pré-reflexivo (*Gemissen*). O grande Rabino de Praga

(...) afirmava que era melhor estudar o próprio Talmud, mesmo correndo o risco de chegar à conclusão errada do que devia ser feito, do que ler a resposta

correta em um código, sem entender o fundamento haláchico (HERTZ, 2011, p. 59).

De forma similar, Frankl (1978) considerava que a consciência poderia se equivocar e levar o ser humano para caminhos “errados” e, mesmo no findar da vida, não terá certeza se realizou de fato o sentido de sua existência ou viveu apenas uma ilusão. Mesmo correndo esse risco, era melhor seguir os ditames da consciência intuitiva.

Em um diálogo com o Golem, o Maharal afirma que “Enquanto o homem tem vida, tudo permanece possível” (WIESEL, 1986, p. 29). De forma similar, Frankl (1989) compreende que o ser humano é um ser de possibilidades, ou seja, um ser facultativo, mediante a sua área de liberdade (poder-ser), o que advém da perspectiva de uma fenomenologia da esperança: “não deixa de ser uma peculiaridade do ser humano que ele somente pode existir propriamente com uma perspectiva futura, de certa forma *sub specie aeternitatis* – do ponto de vista da eternidade (FRANKL, 2010, p. 97).

Outro aspecto a ser considerado na narrativa do Golem diz respeito à relação entre o Homem e Deus.

O Golem implica aqui tanto uma imagem que compete com a divindade e pode vir a destroná-la, via idolatria, como também, lembrando-se da parábola do arquiteto, o Golem representaria a técnica de reprodução e criação de homens que poderia levar não apenas a um esquecimento de Deus, mas do próprio homem. Ou seja, levaria a uma ruptura com o pacto de memória que os homens selaram com Deus, um dos pilares da tradição judaica, ou ainda, a uma revolta contra o criador humano (SELIGMANN-SILVA, 2007, p.186).

Outrossim, Frankl (2011) constatou uma mudança de perspectiva na imagem de homem, se antes o ser humano se julgava criatura, agora se vê como criador. Daí, não se autocompreende como imagem do seu criador, mas sim como imagem de sua própria criação. Como exemplo da imagem do criador, em um dado momento o autor relata que Deus é um ser que ri, assim também o ser humano, em sua dimensão especificamente humana, manifesta senso de humor e pode rir de si mesmo (FRANKL, 1995).

Em um diálogo com Pinchas Lapide, Frankl sugeriu que o rabino Loew seria o precursor da ontologia dimensional. Inicialmente, Lapide cita Nicolau de Cusa, quando definiu Deus como *coincidentia oppositorum*, e acresce que o Maharal de Praga teria expressado uma ideia muito similar quando

concebeu que a primeira palavra da bíblia hebraica é *Bereshit*, que se inicia com a letra “b” e é equivalente ao valor numérico dois (FRANKL; LAPIDE, 2013). Após ler a primeira página da Torá três vezes, o rabi de Praga chegou à seguinte conclusão:

(...) o número dois é a chave de toda a criação: Deus criou o mundo em pares. Começou com a luz e a escuridão, céu e terra, sol e lua, terra firme e mar, flora e fauna, por que tudo consiste nesta dualidade, que no fundo é uma unidade dual? Por que cada uma das metades precisa da outra não apenas como contraste, mas sim como autoentendimento próprio. (...) A unificação dos dois é o divino, aquela força divina que nós, por falta de uma palavra melhor, chamamos de amor (...) (FRANKL; LAPIDE, 2013, pp. 61-62).

Em sua visão sobre as diversas camadas, o autor do sentido da vida concebe que o ser humano seria *uninitas multiplex* (FRANKL, 2011). Para ele, a união dos opostos seria denominada de dimensão noológica/espiritual, conforme explicou: “A unidade do ser humano – unidade essa, apesar da multiplicidade do corpo e da mente – não pode ser achada em suas faces psicológica, nem biológica, mas deve ser procurada em sua dimensão noológica” (FRANKL, 2011, p. 36).

Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo identificar em que aspecto a lenda judaica do Golem exerceu influências no pensamento de Viktor Frankl. Dessa forma, tentou responder a seguinte inquietação: Qual o significado desta figura lendária para a construção de sua visão de Homem? Considera-se que o aprofundamento teórico percorrido ao longo do texto permitiu retirar um pouco do verniz que encobria o verdadeiro significado dessa narrativa para Frankl.

Enquanto o Golem é um ser autômato, Frankl (1992) aponta para a autonomia da existência espiritual do ser humano. Ademais, alerta o autor que “o espiritual somente é conhecido por nós em união pessoal com o psicofísico” (FRANKL, 1978, p. 148). A essência do Golem é definida previamente pelo seu criador, enquanto o homem se define na medida em que age no mundo e realiza suas escolhas. Ao morrer, o Golem voltaria à sua condição anterior, a terra, já o Homem, para o pensador do sentido, tornar-se-ia as suas próprias escolhas. Para Frankl (1978), no embrião, a pessoa espiritual se oculta no silêncio aguardando emergir do invólucro do

psicofísico para, assim, construir-se a si mesmo; já o Golem, por sua natureza muda, não possuiria a dimensão especificamente humana, posto que seria apenas constituído de um corpo de terra.

Indubitavelmente, todo pensador é influenciado por suas primeiras paisagens culturais, assim, a cultura religiosa de Viktor Frankl também deve ser levada em conta para compreender a relação entre a vida e a obra de um autor. Pode-se concluir que ele foi influenciado pela forma de pensar judaica, mas adaptando o seu conteúdo para as questões atuais. Os conteúdos derivam-se do seu contexto cultural e existencial do século XX, caracterizados por uma gradativa desumanização e busca desenfreada do poder e do prazer imediato do Homem moderno, bem como as dificuldades da sociedade industrial em preencher e suprir a vontade de sentido que se encontra frustrada.

Teria o homem atual se tornado um Golem? Esse ser ainda servia à sua comunidade, já o Homem, quando atrofia a sua dimensão espiritual, serviria apenas às necessidades do seu próprio “eu”. A autotranscendência seria uma marca indelével da existência humana, por esse motivo, até mesmo uma cópia do ser humano teria que apresentar tal característica. Nesse contexto, possivelmente o Golem foi uma forma de *mashal* para Viktor Frankl iniciar as suas reflexões filosóficas sobre quem seria o ser humano. Ora, se o Golem teria essa função de servir à sua comunidade, então o ser Homem que, a priori, não teria um coração de pedra, deveria estar aberto para um tu (ser amado) e para um nós (comunidade humana). Diante do exposto, conclui-se que não apenas a figura do Golem, mas também as narrativas que envolvem sua lenda influenciaram Viktor Frankl em sua estilística de pensar sobre o Homem como um ser no mundo e como um ente que anseia as alturas.

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM: **Novo testamento e Salmos**. São Paulo: Paulus. 1984.
- CAMPANI, Carlos. **Fundamentos da Cabala: Sêfer Yetsirá**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL. 2011.
- FRANKL, Viktor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1978.
- FRANKL, Viktor. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida, SP: Editora Santuário. 1989a.
- FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrantes, 1989b.

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. 1992.

FRANKL, Viktor. **Logoterapia e análise existencial**: textos de cinco décadas. Campinas, SP: Editorial Psy II. 1995.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. 2008.

FRANKL, Viktor. **O que não está escrito em meus livros**: Memórias. São Paulo: É Realizações. 2010.

FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**: Fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus. 2011.

FRANKL, Viktor; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamento sobre o sentido**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e existencialismo**: textos selecionados em logoterapia. São Paulo: É Realizações. 2020.

HERTZ, Bela Rebeca. **A herança judaica na vida e obra de Viktor Emil Frankl**. Curitiba: Juruá Editora. 2011.

HUBNER, Manu Marcus. Um estudo sobre o termo 'ādām na Bíblia Hebraica. **Arquivo Maaravi**, v. 10, n. 19. 2016.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix.

LEONE, Alexandre. **Mística e Razão**: dialética no pensamento judaico. São Paulo: Perspectiva. 2011.

LOPES, Wendell E. Soares. O transhumanismo e a questão antropológica. **Revista de Filosofia Aurora**. v. 33 n. 55, p. 36-61. 2020.

MAGHIDMAN, Marcelo. **Sêfer Yetsiráh: a natureza da linguagem na criação do mundo e sua manutenção através do Alfabeto Hebraico**. Dissertação de mestrado em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.

MEYRINK, Gustav. **O Golem**. Lisboa: Veja. 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Golem: Entre a técnica e a magia, aquém da bioética. **Remate de Males** – 27(2), p. 183-1995. 2007.

SCHOLEM, Gershom. **A cabala e seu simbolismo**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1978

TILL, Walter. The gnostic apocryphon of John. **Journal of Ecclesiastical History**, v. 3 n.1, p. 14-22. 1952.

WIESEL, Elie. **O Golem**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1986.

Submetido em: 28-11-2020

Aceito em: 14-4-2022